

2022, Design Fiction

Márcio G. P. Garcia¹

8 de março, 2019

Sugestão de olho: Não custa sonhar com os limites do possível

Estamos em plena comemoração do bicentenário da Independência. Em meio aos festejos pátrios, as pesquisas eleitorais mostram o candidato oficial com larga dianteira. Boa parte desse sucesso pode ser creditado ao crescimento surpreendentemente pujante da economia brasileira desde 2020, que afinal vem reduzindo o desemprego e a desigualdade.

Após um início bastante preocupante, o governo conseguiu se organizar e encontrou bom rumo. Aos poucos, foi deixando de lado sua retrógrada agenda de costumes e uma política externa ideológica e desvinculada de resultados, concentrando-se no que de fato importa. A duras penas logrou aprovar uma reforma da Previdência com razoável impacto fiscal. Isso turbinou seu capital político para aprovação de sua agenda anticorrupção e anticrime organizado. Tais resultados positivos granjearam popularidade adicional, permitindo a continuidade da agenda econômica modernizadora.

O prolongamento da mais longa expansão econômica dos EUA, evitando riscos de uma escalada na guerra comercial com a China, cenário que chegou a criar grande preocupação, permitiu que nossas contas externas permanecessem saudáveis mesmo com a substancial redução das barreiras comerciais em curso. A abertura comercial permitiu que a tão esperada recuperação do investimento tivesse impacto amplificado sobre a produtividade e o crescimento do PIB. Mesmo a indústria nacional, de início contrariada com a perda da proteção artificial, vem obtendo resultados crescentemente positivos, concentrando-se em nichos nos quais têm de fato vantagens comparativas e pode se integrar nas cadeias internacionais de valor.

O círculo virtuoso vem sendo também estimulado pelos efeitos da reforma tributária que facilitou a vida das empresas e arrefeceu a guerra fiscal entre os estados. A maioria dos estados tem aproveitado o ganho de arrecadação tributária para melhorar as desastrosas situações fiscais com que os atuais governadores se depararam no início de 2019. Com as novas regras da Previdência e a reestruturação das carreiras públicas, os estados estão recobrando condições de investir, o que vem melhorando a avaliação dos atuais governadores.

No plano federal, a reforma tributária, aliada ao aumento das receitas fiscais por conta do crescimento econômico, também trouxe notável alívio. A razão dívida/PIB, cujo crescimento espantoso colocava em risco a solvência do Estado brasileiro em 2019, já parece mostrar tendência de declínio, ainda que a partir de patamar bastante elevado, se comparado com os demais mercados emergentes. As privatizações permitiram não só alívio fiscal momentâneo, mas têm também repercutido muito favoravelmente no aumento da produtividade.

¹ Ph.D. por Stanford, Professor Titular do Departamento de Economia da PUC-Rio, Cátedra Vinci, escreve mensalmente neste espaço (www.economia.puc-rio.br/mgarcia).

A reestruturação das carreiras públicas, em nível federal, tem enfrentado muitas dificuldades, advindas sobretudo das categorias mais organizadas e privilegiadas de servidores. Mas há razões para se acreditar que as distorções salariais do setor público federal estão sendo afinal atenuadas. São também alvissareiras iniciativas de aferição de desempenho dos agentes públicos, em prol de melhores serviços para os cidadãos.

Infelizmente, os progressos na educação e saúde, áreas tão fundamentais, continuam aquém do desejável. Na educação, em especial, a falta de foco nos meses iniciais do governo, nos quais o MEC se envolveu em inúteis polêmicas envolvendo doutrinação ideológica em todos os níveis de ensino, prejudicou bastante o desempenho. Vale ressaltar, contudo, uma mudança bastante relevante, não só para o financiamento das universidades públicas, mas sobretudo para a diminuição da desigualdade, que é a introdução do princípio de ensino universitário gratuito apenas para quem não tem condições de pagar.

Tendo herdado inflação sob controle, a nova diretoria do Banco Central manteve a inflação na meta. As críticas usuais sobrevieram quando foi preciso elevar os juros, mas o sistema de metas para a inflação parece bem sedimentado, sobretudo depois da aprovação da autonomia do BC. Já no barateamento do crédito, um dos pilares da agenda BC+, também vêm sendo obtidos resultados cada vez mais convincentes, embora ainda haja muito a progredir.

A entrada de novas empresas com tecnologias que ameaçam os atores que pareciam confortavelmente instalados, aliada aos avanços institucionais que aumentaram a transparência do mercado de crédito, tem se revelado importante para transformar o Brasil num país “normal” também na área do crédito bancário. Nota especial para a significativa expansão do mercado de capitais, com grande entrada de novas empresas na bolsa de valores.

Quem diria, no início de 2019, que o Brasil chegaria em condições tão favoráveis a 2022?